

Sergio Ferretti, conhecimento e generosidade

Vagner Gonçalves da Silva

USP

vagnergo@usp.br

Conheci Sergio Ferretti no final dos anos de 1980 quando ele e Mundicarmo Ferretti, sua esposa, faziam doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Neste mesmo Programa, Rita Amaral, Jocélio Teles dos Santos e eu éramos mestrandos e não demorou muito para que formássemos um grupo de antropólogos(as) interessados(as) em religiões afro-brasileiras. Mas se os interesses profissionais nos aproximaram, foram as afinidades pessoais que, de fato, nos levaram a uma sólida e longa amizade compartilhada desde então.

Ferretti (como era mais conhecido, pelo sobrenome) nasceu no Rio de Janeiro e se formou em história e museologia em 1962 pela UFRJ e Uni Rio, respectivamente. Fez especialização em economia e sociologia do desenvolvimento na Universidade Católica de Lovaina na Bélgica, de 1964 a 1966. De volta ao Brasil, fixou residência em São Luis do Maranhão, cidade que conhecera anteriormente, tornando-se professor nas Universidades Federal e Estadual do Maranhão em 1969. Nesse período, já casado com Mundicarmo, e apaixonado pela cultura popular, estudou o tambor de crioula, mostrando a dimensão sagrada e profana dessa dança. Dessa pesquisa, realizada em 1977, originou-se o livro “Tambor de Crioula, Ritual e Espetáculo”, publicado pela Comissão Maranhense de Folclore e pela FUNARTE, e reconhecido como fonte importante para que a dança fosse registrada em 2007 pelo IPHAN como patrimônio da cultura nacional. O envolvimento de Ferretti com o campo das pesquisas folclóricas no Maranhão iria perdurar por toda sua carreira. Presidiu por vários períodos a Comissão Maranhense do Folclore, fazendo parte da comissão editorial responsável pela publicação do Boletim dessa instituição e de outras obras. Sua atuação junto à Secretaria de Estado da Cultura (SECMA) e Fundação Cultural do Maranhão (FUNC), além de outros órgãos e movimentos, pela preservação do patrimônio cultural do estado, valeu-lhe inúmeros prêmios e títulos, como a medalha Mário de Andrade do IPHAN (pelo trabalho de reconhecimento do Centro Histórico de São Luis como patrimônio da humanidade) e a comenda Ordem dos Timbiras do Governo do Estado do Maranhão.

Do tambor de crioula, Ferretti passou ao tambor de mina. Assim, ao campo

dos estudos folclóricos, históricos e museológicos somou-se o da antropologia das religiões afro-brasileiras. Esse período inicia-se com o mestrado em antropologia defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983. Sua dissertação, um estudo monográfico de uma das mais antigas e importantes comunidades religiosas afro-maranhenses, foi publicada em 1985 com o título “Querebentã de Zomadonu: Etnografia da Casa das Minas”. O livro, que se encontra atualmente em sua terceira edição, apresenta uma visão detalhada da Casa das Minas, terreiro fundado em São Luís, em meados do século XIX, por africanos procedentes do antigo Reino do Daomé (atual Benin). Narra a história da casa desde sua fundação, a mitologia e a história das entidades cultuadas, o ciclo das festas, os rituais e aspectos da irmandade e da vida comunitária. “Querebentã...” tornou-se um clássico da literatura afro-brasileira e uma “etnografia-testamento” de uma comunidade que se encontra em processo de desaparecimento devido à morte de suas antigas lideranças e a não iniciação de novas gerações.

No doutorado, realizado entre 1986 e 1991, na Universidade de São Paulo, Ferretti revisitou a Casa das Minas, porém, desta vez, para pensar o sincretismo a partir de uma ampla revisão bibliográfica deste conceito em seus vários usos e abusos. A pesquisa, publicada sob o título “Repensando o Sincretismo. Estudo sobre a Casa das Minas”, teve, entre os inúmeros méritos, o de mostrar que, mesmo nas comunidades de origem africana tidas como as “mais tradicionais”, as práticas católicas estabelecem uma presença significativa e sua análise deve ser cuidadosa e sensível. Além deste trabalho, Ferretti publicou inúmeros outros em forma de artigos, capítulos de livros, como organizador de coletâneas, etc.

Teve um papel importante no estabelecimento dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Políticas Públicas da UFMA, sendo reconhecido como precursor das Ciências Humanas e Sociais no Estado do Maranhão pela UEMA. Neste aspecto, vale ressaltar a extrema generosidade com que recebia e estimulava estudantes e pesquisadores visitantes a desenvolverem pesquisas no Maranhão. Na celebração ocorrida em 2017 dos 25 anos do grupo de pesquisa GP Mina, que fundara juntamente com Mundicarmo Ferretti, foi possível perceber as várias gerações de cientistas sociais que passaram por sua orientação e a enorme gratidão destes.

Neste sentido, vale lembrar sua iniciativa de constituição do Museu Afrodigital da UFMA, um museu constituído por documentos, imagens, vídeos, áudios sobre religiões, cultura popular, quilombos etc. Boa parte deste acervo provém das pesquisas pioneiras do casal Ferretti sobre a cultura e religiosidade do povo mara-

nhense, agora disponíveis para o grande público.

Em 2007, foi aposentado compulsoriamente e recebeu da UFMA o título de professor emérito. Desapegado destas louvações, ainda que merecidas, ele valorizava mesmo estar entre amigos ou fazer novos amigos que o circuito da pesquisa possibilitava.

Conheci o Maranhão e seus voduns e vodunsis pelos olhos dele e ter tido a oportunidade de desfrutar de sua amizade e de com ele aprender a dosar conhecimento e generosidade foi um raro privilégio.

Recebido: 11/09/2018

Aprovado: 12/09/2018